

Guerra Urbana: As Forças dos EUA em Conflitos Futuros

Capitão Steven E. Alexander, Exército dos EUA

A TRANSFORMAÇÃO do Exército dos EUA tem sido realizada com base na suposição de que a maioria das missões futuras, estratégicas, operacionais e táticas, quer sejam ofensivas, defensivas ou de estabilidade e apoio, serão conduzidas em ambientes urbanos. Essa suposição tem como base a migração para áreas urbanas, ocorrida nas últimas décadas em todo o mundo. A maioria das operações de estabilidade e apoio em áreas urbanas é necessária por causa dos conflitos que surgem do sofrimento que ocorre nas cidades densamente povoadas do mundo.

Há pouca discórdia sobre a necessidade de conduzir operações de estabilidade e apoio em áreas urbanas; porém, será também válida a suposição de que as ações serão conduzidas prioritariamente em áreas urbanas quando se tratar de operações ofensivas e defensivas? Nesse caso, devemos buscar o engajamento com o inimigo em terreno predominantemente urbano?

A Defesa em Terreno Urbano

As doutrinas conjuntas e do Exército dos EUA prevêm a vitória por meio de operações ofensivas decisivas. Pode um conflito armado ser ganho por meio de ações ofensivas decisivas em uma área urbana? A história indicaria que a resposta a essa pergunta é não. Devido à sua natureza muito restrita, o terreno urbano favorece mais ao defensor.

A II Guerra Mundial. Durante a II Guerra Mundial, o Alto Comando alemão se enganou ao acreditar que o Exército alemão obterá uma vitória decisiva dentro de uma área urbana na Frente Oriental. Os alemães haviam obtido várias vitórias dentro de cidades soviéticas, tais como em Smolensk e Kiev, antes de serem derrotados em Leningrado e Stalingrado, em 1943.¹ Porém, as vitórias em Smolensk e Kiev haviam sido táticas.

Em Leningrado e Stalingrado, os alemães buscavam

alcançar decisões estratégicas no terreno fora das cidades, que beneficiavam mais o poderio alemão.² Os defensores, por opção ou por falta de capacidade, decidiram não procurar uma decisão estratégica em nenhuma parte dentro da então União Soviética. Uma vez que os alemães decidiram tornar as áreas urbanas decisivas, os soviéticos foram capazes de ganhar a iniciativa. Ao tentarem obter a decisão a nível estratégico atacando as duas cidades principais, os alemães acabaram perdendo em todos os níveis — estratégico, operacional e tático.

Os alemães comprometeram a maior parte de dois exércitos bem treinados, equipados e experientes — o 6º e 4º *Panzer* — em Stalingrado.³ Apesar de possuírem uma força menos treinada e menos avançada tecnologicamente, os russos detiveram o ataque, decisivamente.

A vantagem alemã em blindados, poder de combate aéreo e tecnologia, especialmente em comunicações, foi diminuída dentro dos espaços de combate urbano de Stalingrado e Leningrado. Os alemães já não podiam mais usar as táticas que lhes haviam servido tão bem. Perderam ainda mais vantagem quando seus carros de combate *Mark III/IV* e suas aeronaves *Stuka* de ataque terrestre, foram incumbidos de executar táticas ofensivas em terreno altamente restritivo — para as quais não haviam sido desenhados.

Os russos puderam usar o terreno para equilibrar as condições do combate. Não tinham sido capazes de se defender contra as formações alemãs blindadas em campo aberto, mas, dentro das cidades, a infantaria russa foi capaz de se aproximar dos blindados alemães. Isto eliminou qualquer vantagem que os alemães pudessem ter em poder de fogo e manobrabilidade. Na perseguição de 1943, em seguida ao cerco do 6º Exército em Stalingrado, os russos forçaram sua própria decisão

a nível estratégico por meio de uma contra-ofensiva, evitando a natureza restritiva das cidades.⁴

O Vietnã. Outro exemplo de uma ação ofensiva fracassada no nível estratégico é a Ofensiva do Tet (o ano novo lunar vietnamita), durante a Guerra do Vietnã. O Exército do Vietnã do Norte foi bem-sucedido estrategicamente, apoderando-se de áreas-chave em várias cidades do Vietnã do Sul e defendendo-as contra assaltos combinados dos EUA e do Vietnã do Sul. Mesmo havendo perdido as batalhas nos níveis tático e operacional enquanto na fase ofensiva, os norte-vietnamitas foram bem-sucedidos, estrategicamente, na fase defensiva, apesar de sua intenção de terminar a guerra naquele ano por meio dos ataques durante o Tet.⁵ Os norte-vietnamitas venceram, não por atacarem, mas por se defenderem e por terem causado baixas civis e militares maciças.

As Forças Armadas dos EUA perderam porque foram forçadas a atacar e remover os defensores de terreno altamente restritivo, dentro de cidades como Hue. Eventualmente, as forças norte-americanas venceram a batalha tática, mas somente após terem exposto a população dos EUA à brutalidade da Guerra, em parte porque a mídia pode informar mais facilmente desde áreas urbanas. O Tet tornou-se um momento decisivo, e sete longos anos mais tarde, as Forças Armadas dos EUA entregaram o Sul depois que os norte-vietnamitas fizeram um ataque convencional para resolver o conflito.⁶

A Defesa em Guerras Futuras

Podemos supor, com segurança, que as Forças Armadas dos EUA, irão enfrentar problemas e resultados similares, com respeito a baixas e a danos colaterais, durante futuras ações ofensivas em áreas urbanas. Nenhuma força moderna conseguiu vitória no nível estratégico por meio de uma campanha ofensiva em ambiente urbano. Simplificando, uma doutrina baseada em ação ofensiva, perde iniciativa em terreno severamente restrito. Qualquer vantagem tecnológica que uma força armada possa ter é minimizada em terreno similarmente restrito. A sincronização e a coordenação, elementos críticos para as operações combinadas necessárias ao sucesso em qualquer conflito, são difíceis de manter uma vez que as forças se encontrem engajadas em combate dentro de áreas urbanas. Sendo assim, por que é que os militares dos EUA estão se preparando para desdobrar e executar sua doutrina, ostensivamente ofensiva, em terreno de notória periculosidade para o atacante?

Baixas. Se os militares dos EUA estivessem envolvidos em um conflito de grandes proporções que se caracterizasse pela predominância do combate urbano, estariam muito mal preparados. Dados históricos sobre

baixas indicam que, para atacar e obter o controle de uma cidade defendida, com uma população de 500.000 habitantes, seriam necessárias dez divisões, no mínimo — cerca de 200.000 soldados. Ao terminar a batalha de Stalingrado, o VI Exército havia empregado mais de 300.000 tropas de combate para ação dentro da cidade.⁷ Para participar de conflito semelhante, as atuais forças norte-americanas teriam de aumentar, drasticamente, sua estrutura e seu adestramento. Mais tempo para o adestramento significa uma chegada mais tarde na área operacional, frustrando a idéia de se manter uma força inicial de entrada. Caso contrário, a força poderia sofrer baixas maiores devido ao fato de ser envolvida no conflito com um número insuficiente de soldados, mal adestrados.

Danos Colaterais. Danos colaterais, típicos de combates urbanos de alta intensidade, deixarão as cidades modernas necessitando de reparos maciços. Como no passado, os EUA sentir-se-ão responsáveis pelo financiamento dos reparos. Devem os militares dos EUA evitar buscar uma decisão estratégica por meio de ações ofensivas em terreno urbano? Falta, às Forças Armadas americanas, a vontade necessária para comprometer vidas humanas em tal ataque? No nível tático, e em alguns casos, no operacional, as Forças dos EUA podem ser bem-sucedidas em ataques urbanos mantendo índices aceitáveis de baixas em vidas e material.

Vencendo Conflitos Urbanos

Como podem, então, as Forças Armadas dos EUA vencer um conflito que envolva o combate urbano? Uma solução seria concentrar esforços para convencer o inimigo a lutar sob os termos dos EUA, no terreno de sua escolha. No nível estratégico, isto poderia envolver tecnologias e ações que forçariam as forças inimigas a abandonar a área urbana em questão.

Controlando a Cidade. Dominando uma cidade estrategicamente, as Forças dos EUA talvez possam forçar o inimigo a capitular ou a entrar em terreno onde possa ser aniquilado. O domínio consistiria em isolar a cidade e controlar seus serviços públicos essenciais tais como as fontes de energia elétrica, de água, de alimentos, o comércio e as igrejas. As forças podem exercer sua influência sobre estes serviços à distância ou por meio do emprego tático limitado de tropas. O controle de uma cidade não significa necessariamente dominá-la ou ocupá-la completamente.

O fato de que os objetivos estratégicos norte-americanos não são planejados para áreas de cidades não significa necessariamente que nenhuma força será desdobrada nelas. Serão necessários objetivos a nível operacional e tático dentro de cidades.

A eletricidade e a água podem ser manipuladas desde

longe, mas locais de comércio e igrejas são difíceis de controlar sem a presença física de alguém segurando uma arma. Portanto, os líderes militares dos EUA devem estar preparados para empregar forças em objetivos táticos e operacionais ao mesmo tempo em que permanecem livres de um envolvimento total no engajamento dentro das cidades.

As Forças Armadas dos EUA devem ser capazes de entrar em uma área urbana rapidamente, alcançar o objetivo e cumprir a missão, sem tentar controlar a área inteira. O objetivo não seria estratégico, mas buscaria o controle da cidade para forçar o inimigo a abandonar sua base urbana de operações.

Controlando o Povo. O povo das cidades pode ser influenciado para ajudar a forçar um inimigo a abandonar uma área urbana. Um dos motivos para o inimigo buscar refúgio dentro da cidade é o de ter a capacidade de influenciar o povo e solicitar o seu apoio. Se o apoio não for recebido, o inimigo terá pouca motivação para permanecer na cidade.

A simples presença das Forças Armadas dos EUA talvez seja suficiente para encorajar os cidadãos locais a resistir ao inimigo. São necessários esforços diplomáticos e de alto nível de inteligência humana para ganhar o apoio de grupos de influência dentro de uma grande cidade.

O ataque urbano estratégico é complicado e exige linhas de ação estratégicas complexas, deliberadas mas flexíveis, que envolvem todos os recursos para a condução bem-sucedida do ataque. Somente desta maneira poderão as Forças Armadas dos EUA esperar conseguir fazer com que um inimigo determinado abandone a segurança de um terreno restrito.

Controlando o Terreno. As operações urbanas no nível tático devem buscar o controle do terreno-chave dentro da cidade, para então poder ser adotada uma postura defensiva. Isto, somado ao domínio da cidade no nível estratégico, forçaria o inimigo a se engajar em uma operação ofensiva custosa. Também faria com que o inimigo parecesse ser o agressor e o causador dos danos à infra-estrutura da cidade. As Forças dos EUA conquistariam a iniciativa por meio do emprego tático-defensivo de tropas dentro da cidade e manteriam essa iniciativa com ações ofensivas estratégicas na periferia da mesma. Para sobreviver, o inimigo teria que abandonar a cidade à procura de refúgio. Uma vez em campo aberto, uma força móvel estratégica poderia

enfrentar o inimigo no terreno de sua escolha.

Forças no nível operacional devem agir como a ligação entre a iniciativa tática conquistada dentro da cidade e a manutenção dessa iniciativa no nível estratégico. O papel principal do QG operacional seria o de apoiar a coordenação entre os QGs dos níveis estratégico e tático.

Ações simultâneas, com ênfase sobre os pontos-chave dentro de uma cidade e o controle das fontes de energia elétrica e do transporte, são um exemplo de uma seqüência, no nível operacional, que poderia resultar em uma decisão no nível estratégico. Algumas ações no nível operacional seriam dentro da cidade; outras seriam externas. Em todo caso, as Forças dos EUA devem evitar um engajamento no nível estratégico até terem sido capazes de forçar o inimigo a abandonar a segurança do terreno restritivo da cidade.

A Transformação das Forças

A transformação das Forças dos EUA deve considerar as mudanças no equipamento e na organização, bem como as mudanças na forma de conquista de objetivos estratégicos dentro de terreno urbano. Os alemães eram excelentes estrategistas; sua estrutura de força era a personificação do seu princípio de guerra ofensiva-móvel em todos os níveis. Porém, ao se aproximarem dos portões de Stalingrado, não perceberam a falta de entrosamento entre os objetivos estratégicos e a tática e organização do seu Exército.

As Forças Armadas dos EUA podem, em curto prazo, se deparar com um conflito dentro de uma grande área metropolitana. Os líderes militares norte-americanos devem se assegurar de que as táticas, técnicas, procedimentos e a estrutura da força sejam adequadas para enfrentar esse desafio inevitável. **MR**

Referências

1. Alan Clark, *Barbarossa: The Russian-German Conflict, 1941-1945* (New York, William Morrow and Company, 1965).
2. Anthony Beevor, *Stalingrad* (New York, Penguin Publishers, 1999).
3. David M. Glantz e Jonathan House. *When Titans Clashed* (Lawrence: University Press of Kansas, 1995).
4. *Op cit.*
5. James R. Arnold, *Tet Offensive, 1968; Turning Point in Vietnam*, Série de campanha número 4 (New York: Osprey Publications, 1990).
6. Harry G. Summers: *The Vietnam War Almanac* (Novato, Califórnia: Presidio Press, 1999).
7. Beevor

O Capitão Steven E. Alexander é instrutor de pequenos grupos para o Curso da Carreira de Capitães de Infantaria, na Escola de Infantaria do Exército dos EUA no Forte Benning, Geórgia. É bacharel pelo Siena College e mestre pela Troy State University.